

UMA BREVE DESCRIÇÃO DO SINTAGMA NOMINAL DO TETUN PRASA

A BRIEF DESCRIPTION OF THE TETUN PRASA NOUN PHRASE

Wânia Miranda
Elen Santos

Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Campus dos Malês.

Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Campus dos Malês, realizou a pesquisa com bolsa de Iniciação Científica da FAPESB.

Submetido: 16 de junho de 2022
Aceito: 11 de outubro de 2022
Publicado: 17 de novembro de 2022

UMA BREVE DESCRIÇÃO DO SINTAGMA NOMINAL DO TETUN PRASA

Wânia Miranda¹

Elen Santos²

Resumo: No presente artigo descrevemos algumas características do sintagma nominal da língua tetun prasa. A língua tetun prasa, falada em Timor-Leste, é a língua oficial do país ao lado da língua portuguesa. No presente estudo apresentamos brevemente a história de formação de Timor-Leste, bem como a situação sociolinguística do país que possui um cenário de multilinguismo no qual convivem em torno de 16 línguas. São poucos os estudos linguísticos sobre a língua tetun prasa, neste sentido, com base em dados coletados em Albuquerque (2010a, 2010b, 2011, 2013), apresentaremos as características dos elementos que compõem o sintagma nominal tanto a sua posição em relação ao núcleo nominal quanto a sua interação com os demais elementos dentro do sintagma, a fim de contribuir e preencher algumas lacunas existentes em relação aos estudos linguísticos sobre o tetun prasa.

Palavras-chave: Timor-Leste; Sintagma nominal; Semântica.

A BRIEF DESCRIPTION OF THE TETUN PRASA NOUN PHRASE

Abstract: In this article we describe some characteristics of the noun phrase in Tetun Prasa language. The Tetun Prasa language, spoken in East Timor, is the country's official language alongside Portuguese. In the present study, we briefly present the history of the formation of East Timor, as well as the sociolinguistic situation in the country, which has a multilingualism scenario in which around 16 languages coexist. There are few linguistic studies on the Tetun Prasa language, in this sense, based on data collected in Albuquerque (2010a, 2010b, 2011, 2013), we will present the characteristics of the elements that make up the noun phrase as well as its position and its interaction with the other elements within the noun phrase. This study intends to contribute and fill some gaps in the linguistic studies field of Tetun Prasa.

Keywords: East Timor; noun phrase; semantics.

¹ Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Campus dos Malês.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Campus dos Malês, realizou a pesquisa com bolsa de Iniciação Científica da FAPESB.

<https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.7.36>

De início, registros sobre o expansionismo marítimo chinês apontavam que Timor era conhecido como “Sul da China” ou como mares e terras “ao sul”, e fora nomeada pelos árabes, persas e malaios como “terras à sotavento” ou “terras sob os ventos” (Pinto, 2006 apud Lucca, 2021). Com a chegada dos portugueses no século XVI, Timor foi novamente nomeado como “Insulíndia”, bem como as “ilhas das Índias”. Em 1869, Alfred Wallace, em suas expedições durante o século XIX, denomina o território timorense como “Arquipélago Malaio”, valendo ressaltar que também era assim chamado pelos holandeses séculos passados. No mesmo período, o geólogo Elyée Reclus denominava a conhecida “Insulíndia” como parte das “terras oceânicas” (Durand 2010b apud Lucca, 2021).

A nomeação como nação soberana “Timor-Leste” foi concretizada em 2002, com a declaração da independência, anteriormente nomeada pelos portugueses como “Timor Português”, em seguida como “Timor Timur” pelos indonésios no ano de 1975 (Lucca, 2021). Como afirma Durand,

De origem malaia, a palavra timur significa “leste” ou “orientes”, tendo daí surgido também as mais antigas formas de nomeação da ilha. A palavra referia-se inicialmente a um conjunto plural de ilhas situadas ao leste de Bali, e não especificamente aquilo que hoje designamos como ilha de Timor (Durand 2010b apud Lucca, 2021, p. 26).

O nome Timor-Leste representa o fim da colonização dos indonésios e dos portugueses, e o início da liberdade, da reconstrução de um país devastado pelos colonizadores que passaram pelo território timorense. Tanto Portugal quanto a Indonésia, a exemplo de outros países que foram colonizadores, em especial no cenário de expansão mercantilista europeia, deixaram suas respectivas línguas no país, o que contribuiu ainda mais para o cenário de multilinguismo existente em Timor-Leste. Da mesma forma que em outras ex-colônias portuguesas, como Angola, Moçambique, Cabo Verde, Brasil, por exemplo, em Timor-Leste, a língua portuguesa figura como oficial, inserindo o país no contexto da Lusofonia.

Não obstante, a língua tetun prasa é falada no Timor-Leste mesmo antes da chegada dos portugueses no século XVI, período em que Timor-Leste tornou-se colônia portuguesa. Ainda no século XVI, os portugueses impuseram a língua portuguesa como língua franca no território timorense, mais tarde,

com o fim da colonização portuguesa, o governo indonésio sobrepôs a língua bahasa indonésia como língua franca do país Timor-Leste (Neves, 2011, p. 30).

Com o fim da dominação do governo português, em 1975 e indonésio, em 1999, Timor-Leste conquista sua independência, oficializando a língua portuguesa, ao lado da língua tetun prasa, e das línguas inglesa e bahasa indonésia, presentes principalmente como línguas de trabalho.

Neves (2011, pp. 32-33) afirma que: “[...] o objetivo de escolher o Português como língua oficial, é por motivos históricos, culturais e religiosos, e, o Tétum, como identificação nacional [...] e, a escolha do Inglês e Indonésio como línguas de trabalho, também é ato político”. Vemos a oficialização da língua portuguesa como uma estratégia política de enquadrar o Timor-Leste como um dos países integrantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A escolha da língua tetun como co-oficial vem do objetivo de manter o tetun prasa como língua veicular inter-étnica.

Sobre os estudos já realizados da língua tetun prasa, podemos citar os de Albuquerque (2010a, 2010b, 2011, 2012, 2013) que apresentam um levantamento sobre a situação ecolinguística³ do país Timor-Leste, além de um esboço gramatical sobre a língua tetun prasa, o bilinguismo e multilinguismo, no que se refere a aquisição, interação e estudo de caso, como também influências das nativas (L1) no português de Timor-Leste. O trabalho de Lucca (2021), em uma perspectiva histórica, aborda a situação sociolinguística de Timor-Leste e da língua tetun prasa no contexto timorense, bem como uma revisão sobre o surgimento do termo Timor. Neves (2011) aborda instâncias de poder e mudança linguística, partindo de uma análise de empréstimos em jornais timorenses.

Tomando como base estes e outros trabalhos, este artigo tem como objetivo apresentar algumas características do sintagma nominal da língua tetun prasa, falada por mais de 80% da população timorense, tendo como parte integrante deste trabalho, os estudos linguísticos já existentes sobre a língua, fundamentado nos trabalhos de Albuquerque (2010a, 2010b, 2011, 2013, 2015), Neves (2011) e Lucca (2021), além de estudos sobre o sintagma

³ Couto (2013, p. 279) define a Ecolinguística como “o estudo das interações verbais que se dão no interior do ecossistema linguístico”. Para mais informações sobre Ecolinguística, especialmente no que concerne a estudos brasileiros, ver os trabalhos de Couto (2007, 2012, 2013, entre outros).

nominal (Gomes & Sanchez-Mendes, 2018; Müller, 2003; Müller & Viotti, 2005; Miranda, 2013; Oliveira, 2010, entre outros).

O texto está organizado da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos a situação sociolinguística do Timor-Leste, situando-o historicamente e apresentando o cenário de multilinguismo, na seção seguinte, descrevemos o sintagma nominal do tetun prasa, apresentando as categorias que o compõem, com base nos dados coletados de trabalhos de outros autores e, por fim, apresentamos as considerações finais do artigo.

O CENÁRIO MULTILÍNGUE EM TIMOR-LESTE

Em Timor-Leste, há um cenário de multilinguismo, com o contato entre diferentes línguas, tanto as que foram impostas quanto as diversas línguas faladas no país. No território do Timor-Leste são faladas em torno de 16 línguas, e o tetun prasa, de acordo com registros históricos, além de língua nativa, funciona como língua franca desde antes da chegada dos portugueses, por volta de 1515. Essa língua é falada por cerca de 82% da população, é a primeira língua de 18% dos timorenses e possui status de língua franca desde o século XV, aproximadamente (Albuquerque, 2010, 2011).

Segundo os pesquisadores Capell (1943a, 1943b, 1944) e Hull (2001-2004), os primeiros contatos linguísticos se deram durante a pré-história, entre os povos austronésicos e papuásicos. As línguas austronésias são distribuídas em 12, a saber, bekais, tetun, habun, kawaimina, makuva, galolen, wetarês, mambae, tokodede, kemak, idalaka e lolein; já as línguas papuásicas são quatro, quais sejam, bunak, fataluku, makasae e makalero (Albuquerque, 2010). Já Lewis (2009) e Fox (2000) afirmam que o número chega a 18 ou 19 línguas (Albuquerque, 2009). Albuquerque (2010a) e Hull (2001) afirmam que as línguas nativas timorenses são de origem papuásicas e austronésicas.

Segundo Thomaz (1994), os contatos linguísticos ocorreram em três períodos: o período da pré-história, o da proto-história e da história. Albuquerque (2011) aponta que a metodologia dos estudos históricos sobre esse período não é eficaz, nesse sentido, a arqueologia e a linguística seriam

capazes de fornecer evidências mais eficazes. De acordo com a análise do autor, o período da pré-história se estenderia de 35.000 AP (antes do presente) até o final do século XII. Registros linguísticos indicam que Timor foi povoado por falantes de origem austronésicas nesse período. (Albuquerque, 2011, p. 20)

O período da proto-história se estende do início do século XIII até a chegada dos colonizadores europeus (portugueses e holandeses), em 1515. Nesse período foram elaborados os primeiros registros sobre a ilha de Timor (Albuquerque, 2011, p. 24). Os colonizadores, durante a empresa colonial, tinham o objetivo de expandir o comércio, realizando contatos constantes com os povos das sociedades indianas e malaias, do reino islâmico e do império chinês.

O período da história tem como marco inicial a chegada dos portugueses a Timor e é marcado pela disputa dos holandeses com os portugueses em dominar o território timorense, principalmente a ilha de Solor (Albuquerque, 2011).

A língua portuguesa é a língua imposta pela coroa portuguesa durante o período colonial; em seguida temos a língua indonésia, conhecida como bahasa indonésia, imposta durante a invasão do governo indonésio, que se estendeu até o ano de 1999. No ano de 1975, após a invasão do governo indonésio, a língua bahasa indonésia é nomeada como língua oficial de Timor (Neves, 2011, p.30). Vale ressaltar que durante todo o período de dominação sobre o país Timor-Leste, a língua tétum se manteve constantemente em uso pelos povos timorenses (Albuquerque, 2010, p. 317).

A Indonésia, mesmo tendo dominado o Timor por período menor, se comparado aos portugueses, teve maior êxito na implementação da língua bahasa indonésia, em relação ao português: uma vez que 58% da população timorense tinha domínio na língua bahasa indonésia, enquanto que apenas 37% tinham o domínio no português (Albuquerque, 2008, 2009). Além disso, a população é linguisticamente dividida em falantes que são simpatizantes da língua portuguesa, da língua bahasa indonésia, da língua inglesa e da língua nativa tetun (Hull, 2000, p. 33).

De acordo com Neves (2011), com a conquista da independência em 1999, o governo de Timor elege a língua portuguesa e o tetun prasa como línguas oficiais, mais especificamente a língua portuguesa como língua de

ensino, por questões de interesses econômicos com países que tinham em comum o uso da língua portuguesa. Partindo da oficialização, Neves afirma que:

Essa opção tem por objetivo: preservar o português, para que se tenha o mesmo idioma dos países nascidos de um processo histórico semelhante (países da comunidade de língua portuguesa-CPLP); e preservar o Tétum Praça por ser língua veicular inter-étnica. A co-oficialidade baseia-se principalmente em costumes, religião e história. Essa parceria leva o país a se distinguir de outros países da Ásia (Neves, 2011, p. 32).

Desse modo, a oficialização da língua tetun praça como língua co-oficial, bem como uma língua inter-étnica, marca Timor Leste como um país diferenciado de outros países, por oficializar uma língua nativa, a qual carrega costumes e histórias que devem ser preservadas. É notável que outros países, em sua maioria, oficializam a língua do colonizador, conforme já citamos, a exemplo de Guiné Bissau, Angola e os demais países africanos de língua oficial portuguesa, os PALOPs.

Com efeito, a colonização portuguesa e a invasão pelos indonésios ocasionaram inúmeras consequências que perduram até os dias atuais no país, tanto em sua infraestrutura quanto cenário linguístico, representado pela imposição tanto da língua portuguesa, como também da língua indonésia, presentes no país ainda hoje.

As implicações dessa política de imposição se deram inicialmente no século XVI, com a colonização dos portugueses ao impor a língua portuguesa como língua de uso, sendo impedida pelo governo indonésio, posteriormente com o fim da colonização, no século XX (Albuquerque, 2011, p. 65).

A despeito dessas tentativas de estabelecer a língua portuguesa como a única falada nas colônias, o contexto plurilíngue ainda se manteve nesses diferentes países, permanecendo um ambiente de contato linguístico, fazendo emergir características distintas ao português e às línguas crioulas faladas nos países que estiveram sob dominação portuguesa. Nesse sentido, o contato entre diferentes línguas faz surgir mudanças linguísticas nessas variedades. Vejamos a seguir o mapa linguístico do país (Figura 2), retirado de Lucca (2021) que mostra o cenário de multilinguismo existente, apresentando as línguas faladas de acordo com o território de Timor-Leste.

Figura 2
Mapa linguístico



Fonte: McWilliam e Traube (2011, p. X).

Fonte: Lucca, 2021, p. 27

Nesse cenário de multilinguismo do Timor-Leste, ilustrado na figura anterior, no que concerne à aquisição, o que ocorre, em geral, segundo Albuquerque (2012), é a aquisição de uma língua de origem austronésica ou papuásica, através dos primeiros contatos do indivíduo com os pais. Em seguida, o indivíduo adquire o tetun prasa, através das interações sociais em casa ou externas. Na fase escolar ou adulta, o indivíduo entra em contato com a língua portuguesa, oficial e de ensino, e com a língua indonésia. A língua inglesa, por sua vez, está presente, na maioria das vezes, nos ambientes de trabalho, juntamente com a língua indonésia. Importante salientar, conforme aponta Albuquerque (2011), que a língua portuguesa, a língua inglesa e o bahasa indonésia não possuem falantes nativos, de acordo com o autor:

A língua portuguesa e a língua inglesa são faladas por uma pequena parcela da população, 5% para aquela e 2% para esta. Já o bahasa indonésia é falado por 42% da população [...]. Digno de nota, é que a parcela da população leste-timorense falante de língua portuguesa, assim como a falante de língua inglesa, vem crescendo significativamente nos últimos anos, por causa da política linguística adotada pelo estado. Porém, a língua inglesa vem destacando-se e ganhando um vasto número de simpatizantes e um espaço valioso na cultura popular (Albuquerque, 2011, p. 48).

Vale ressaltar que os indivíduos localizados nas regiões rurais, em sua maioria, não se enquadram no perfil linguístico apontado acima, no que se refere à aquisição de línguas como o português ou o inglês, por não terem acesso a uma educação formal, como também não terem o contato linguístico com indivíduos de línguas distintas (Albuquerque, 2011, p. 47). Outra situação distante do perfil linguístico de aquisição de segunda língua (L2) é a questão do indivíduo que adquire uma das línguas dos pais ou, em outros casos, adquire duas ou nenhuma, tendo somente o domínio da língua tetun prasa.

A condição territorial do Timor de algum modo contribuiu para conter a expansão dos colonizadores, no que se refere à imposição linguística, ressaltando que os territórios de difícil acesso durante os períodos de invasão foram as regiões rurais, onde se concentram as montanhas, atualmente formada por comunidades que, em sua maioria, são compostas por indivíduos que têm aquisição de uma segunda língua na fase adulta, ou em alguns casos só adquirem uma língua materna, como mencionado anteriormente.

De fato, a localização territorial do indivíduo dirá muito sobre seu perfil linguístico, no que se refere ao aprendizado de outras línguas, além de sua língua materna, que supostamente implicará em seu processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Os indivíduos que, ou por questões territoriais ou de acesso ao ensino, não adquirem as línguas consideradas de prestígio, como o português, o inglês ou a língua indonésia, por exemplo, são alvos dos grupos dominantes e vistos como falantes de línguas desprestigiadas. Isso gera, como consequência, certas visões a respeito de sua própria língua e das línguas consideradas dominantes, sendo estas vistas como um padrão idealizado a ser atingido. Sobre esta questão, Hicks (2007) afirma,

Em Timor-Leste o relevo acidentado do interior montanhoso historicamente figurou como importante entrave para um maior controle emanado da capital.

Perante a presença portuguesa, japonesa (1942-1945) indonésia (1975-1999) e mesmo da ONU (1999-2012), as montanhas funcionaram como empecilho à penetração estrangeira sediada na costa (Hicks, 2007, p. 29).

Conforme apontamos anteriormente, mesmo antes da chegada dos portugueses, a língua tetun já era uma língua franca e nunca deixou de estar presente, nem no período de colonização portuguesa, tampouco durante o período de dominação indonésio. De acordo com Lucca (2021, p.30) “[o] tétum-praça do dia a dia é uma língua impressionantemente dinâmica, capaz de incorporar facilmente elementos do português, do indonésio, do inglês e de outras línguas maternas locais.”

Como vimos, a língua tetun prasa figura em todos os cenários cotidianos dos timorenses e interage mutuamente com outras línguas, havendo inúmeras possibilidades de ser usada juntamente com a língua portuguesa no processo de ensino aprendizagem da língua portuguesa. É a língua com o maior número de falantes, representando cerca de 82% da população.

A língua portuguesa, por sua vez e conforme mencionado anteriormente, é a língua de ensino e usada, em sua maioria, por timorenses da alta sociedade, embora seja a língua com o menor número de falantes. Os simpatizantes lusófonos tendem a ser enquadrados nos grupos de prestígio da população timorense, apesar de a língua tetun ser também oficial.

Importante salientar que Timor apresenta um *déficit* quanto ao emprego da língua portuguesa, desde a formação de professores até o processo de ensino-aprendizagem. Partindo dessa problemática, questiona-se, entre outras coisas, sobre a metodologia de ensino da língua portuguesa em relação à escolha da variedade a ser usada, dividida entre a portuguesa e a brasileira.

Há também questões que interferem na relação do professor com o aluno, como, por exemplo, a visão de que a língua portuguesa é a única a ser seguida, excluindo totalmente o uso da língua materna dos alunos, na qual visivelmente apresentariam mais domínio, no processo de ensino-aprendizagem, caso fosse

ensinada nas escolas, uma vez que, na língua portuguesa, apresentam um *déficit* quanto ao seu aprendizado, dado que não é a língua materna dos estudantes.

Sobre o cenário de ensino-aprendizagem em Timor-Leste, dados apontados no Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor Leste (2002) destacam uma média de 62 alunos para cada professor, sendo que pequena parcela dos professores cerca de 5%, possuem domínio na língua portuguesa (Albuquerque, 2008, 2009). Essa média, aliada ao ensino de uma língua não materna também pode ser um fator para o *déficit* na aprendizagem e no domínio da língua portuguesa por parte dos timorenses.

O cenário educacional de Timor, brevemente apresentado, aponta para a necessidade de uma reforma na política linguística para que se comece a levar em consideração as línguas vigentes do país. Lucca (2021) nos apresenta, sobre essa questão, o conceito de *timorização do ensino*. Com base nos trechos de uma plenária do Comitê de Educação e Cultura da Frente Revolucionária de Timor-Leste (FRETILIN), publicados na Voz de Timor, no dia 20 de fevereiro de 1975 apresenta:

Timorizar o ensino e os professores não significa somente a substituição dos europeus por timorenses; timorizar o ensino não diz apenas ter feito a uma mudança ou troca dos métodos do ensino [...] é acima de tudo revolucionar o nosso comportamento, o nosso feitio a tipo colonial, junto das massas de estudantes [...] é revolucionar a nossa formação colonial, o nosso comodismo, o nosso egoísmo, o nosso conformismo, a nossa alienação colonial. (Problemática ... 1975 apud Lucca 2021, p. 37).

De fato, o termo *timorizar* vai muito além dos significados apontados acima, timorizar é basicamente desprender-se da cultura portuguesa, partindo de mudanças que vai da afirmação de Timor-Leste como nação independente da língua, da cultura, do processo de ensino, é desvincular-se do passado, da assimilação do perfil do colonizador, tornando-se, estruturalmente, um país independente.

O SINTAGMA NOMINAL DO TETUN PRASA

Sabemos o quão importante é a utilização dos estudos linguísticos para compreender a linguagem humana, principalmente no que tange a percepção dos aspectos internos e externos de uma determinada língua. Neste sentido, no presente trabalho, fazemos uma breve descrição semântica do sintagma nominal da língua tétum, mais especificamente, tetun prasa, falada pela maioria dos falantes em Timor-Leste. Conforme apontamos anteriormente, a língua tetun é, juntamente com a língua portuguesa, a língua oficial do Timor-Leste desde 2002.

Conforme apontamos, no território do Timor-Leste são faladas em torno de 16 línguas e o tetun prasa, o qual, de acordo com registros históricos, além de língua nativa, funciona como língua franca desde antes da chegada dos portugueses, por volta de 1515. Esta língua é falada por cerca de 82% da população, é a primeira língua de 18% dos timorenses e possui status de língua franca desde o século XV, aproximadamente (Albuquerque, 2010, 2011).

Apesar da existência de 16 línguas no território do país, poucos são os estudos linguísticos sobre essas línguas, ao pensar nos estudos semânticos, estes são mais escassos ainda, ou talvez até inexistentes.

Oliveira (2010) nos informa que o termo *nome*, no sintagma nominal, abrange a classe denominada pelos gramáticos como *substantivo*. O *nome* seria a classe de palavras que carrega o traço [+N], em contraposição à classe verbal, com o traço [+V]. O sintagma nominal, por sua vez, constitui um sintagma que possui como núcleo um elemento pertencente à categoria nome, que pode ocorrer, sintaticamente, nas posições de argumento externo do verbo, sujeito da sentença, argumento interno do verbo, objeto da sentença, elemento regido por preposição e elemento predicador em uma predicação sem verbo (Oliveira, 2010, p. 157).

Em português, na composição do sintagma nominal, podem figurar categorias adjetivais, quantificadores, determinantes, como artigos definidos, pronomes, entre outras, ocorrendo antes ou depois do núcleo nominal.

Em seu esboço gramatical do tetun prasa, Albuquerque (2011) aponta que o sintagma nominal desta língua pode ser formado por núcleo (N),

marcador de posse (POS), negação (NEG), advérbios (ADV), determinantes (Det), modificadores (Mod) e complementos (Comp). O único elemento obrigatório, segundo o autor, é o núcleo (N), que pode ser assumido tanto pela classe dos substantivos, quanto dos pronomes pessoais e demonstrativos.

Diagrama 1. Estrutura do sintagma nominal

(Ant)	Núc	(Pos 1)	(Pos 2)	(Pos 3)
Pos	Sub	Pos	Mod.	Comp
Adv	Pron.	Det	Adv	
Neg				

Albuquerque (2011, p. 153)

O autor observa que a estrutura do SN em tetun prasa é complexa, com uma série de elementos que assumem a posição posterior ao núcleo e poucos que podem ser antepostos ao núcleo.

Em relação ao núcleo, nesta língua, os substantivos possuem traço semântico [+definido] e singular quando não acompanhado de nenhum elemento (Albuquerque, 2011). A expressão de indefinidade se dá, geralmente, por meio do quantificador *ida* (um) posposto ao nome, conforme dado a seguir⁴:

- (1) hau=nia aman foo ruin **ida** ba asu
 1sg=POS pai dar osso IND para cão

Meu pai deu um osso ao cachorro

(Albuquerque, 2011, p. 102)

⁴ Abreviaturas utilizadas: 1sg ‘1ª pessoa do singular’; 1pl.exc ‘1ª pessoa do plural exclusiva’; 2sg ‘2ª pessoa do singular’; 3sg ‘3ª pessoa do singular’; ANA ‘pronome anafórico’; CL ‘classificador’; CLF.HUM ‘classificador para humano’; EXI ‘existencial’; IND ‘indefinido’; IRR ‘modo irrealis’; LOC ‘preposição locativa’; NEG ‘negação’; PL ‘plural’; POS ‘possessivo’; PROG ‘aspecto progressivo’; RED ‘reduplicação’; TOP ‘topicalizador’.

Albuquerque (2011, p. 122) observa que, morfossintaticamente, os substantivos em tetun prasa podem ser modificados pelos sufixos *-teen* ‘agentivo’, *-nain* ‘agentivo, instrumental’ e *-k* ‘adjetivador’, além de outros itens gramaticalizados que possuem funções como de indefinição *-ida*, conforme observado em (1); gênero *mane* x *feto* e *anan* x *inan*; plural *sira* (em (2)). Ainda, segundo a descrição do autor, os nomes e os pronomes são os únicos que podem figurar como núcleo do sintagma nominal.

A marcação de número no sintagma nominal do tetun prasa é instável, de acordo com Albuquerque (2011, p. 103), e é realizada por meio da reduplicação, da posposição do pronome de terceira pessoa do plural *-sira* e do final *-s*, conforme dado em (2) no qual é possível observar tanto a posposição do pronome de terceira pessoa do plural quanto a reduplicação do nome *buku* (livro) para expressar o plural.

(2)	estudante	sira	hola	buku-buku	atu	estuda
	estudante	PL	ganhar	livro-RED	IRR	estudar

Os estudantes ganharam livros para estudar

(Albuquerque, 2011, p. 103)

Interessante observar no dado em (2) que a presença de marcação de plural se dá apenas no sintagma nominal, o que, conseqüentemente, levaria a interpretação de toda a sentença para o plural.

Nesta língua, os sufixos *-n* e *-k* têm função nominalizadora, uma vez que transformam substantivos em adjetivos e verbos em substantivos, sendo *-n* utilizado para derivar adjetivos ou substantivos a partir de verbos e *-k* para derivar adjetivos de substantivos (Albuquerque, 2011, p. 113). Em (3) podemos observar o substantivo *rein* (beijo) sendo derivado do verbo *rei* (beijar) e em (4) vemos o adjetivo *tasik* (marinho) derivado a partir de *tasi* (mar) e *motak* (ribeirinho) a partir de *mota* (rio):

O demonstrativo *nee* também é utilizado em tetun prasa com função anafórica, conforme (6):

- (6) ema nebaa mak laos azuda **nee** nee mak azuda
pessoa aquele TOP NEG ajudar ANA este TOP ajudar
daudauk hau
PROG 1sg

Aquelas são as pessoas que não estão me ajudando, mas estas estão.

(Albuquerque, 2011, p. 131)

Em sua análise, Albuquerque (2011) diferencia os modificadores dos determinantes devido, entre outros fatores, à posição que figuram dentro do SN. Os modificadores ocorrem após o nome quando da ausência de determinantes, na presença destes, os modificadores assumem a posição logo após os determinantes. Sobre essa questão, apontamos que tanto modificadores quanto determinantes figuram na posição pós núcleo dentro do sintagma nominal, neste sentido, ao tomar o núcleo como referência, esta posição, ao que parece, não seria o suficiente para separar modificadores de determinantes.

Outro fator que o autor traz em relação a sua divisão entre determinantes e modificadores seria sua estrutura. De acordo com Albuquerque (2011), os modificadores seriam limitados apenas às classes dos adjetivos e quantificadores numerais, e os determinantes abarcariam classes mais variadas.

No que se refere aos quantificadores dentro do sintagma nominal de tetun prasa, estes podem ser divididos em numerais e não numerais e podem sofrer reduplicação. Os quantificadores numerais podem, ainda, ser acompanhados pelo classificador humano *nain* (ver (7)), mais frequentemente usado e anteposto ao quantificador e pelos classificadores *lolon* (objetos cilíndricos) (ver (8)), *tahan* (objetos chatos) *fuan* (objetos redondos) e *musan* (objetos redondos pequenos) (Albuquerque, 2011).

- (7) ferik nec **nain** neen
 velha este CL.HUM seis

Estas seis senhoras

(Albuquerque, 2011, p. 134)

- (8) masu L.A. iha tabaku lolon sanulu-rua
 maço L.A. EXI cigarro CL.CIL doze

O maço de LA (marca indonésia de cigarro) tem doze cigarros

(Albuquerque, 2011, p. 135)

Apresentamos a seguir o quadro dos classificadores numerais de acordo com a descrição de Albuquerque (2011, p. 135).

Classificador	Significado	Classificador para
nain	nobre, dono	peessoas
lolon	galho	objetos cilíndricos grandes (velas)
tahan	folha	objetos chatos e finos (papel, roupa)
fuan	fruta, coração	objetos arredondados grandes (coco, ovo)
musan	semente	objetos arredondados pequenos (remédios)

Sobre os adjetivos, Albuquerque (2011) aponta que, em tetun prasa, há evidências que justifiquem a presença desta classe, embora seja difícil de ser identificada em línguas austronésias. O autor divide os adjetivos em duas subclasses: a primeira é identificada como ‘adjetivos genuínos’, pois são formados a partir de sufixação e possuem características diferentes dos verbos, conforme observado em (9). A segunda subclasse seria a que o autor denomina de ‘adjetivos verbais’, uma vez que se comportam sintaticamente como verbos ou são derivados destes (em (10)).

- (9) ami iha uma **boot** iha foho
 1pl.exc EXI casa grande LOC montanha

Nós temos uma casa grande nas montanhas.

- (10) kolega nec **sala**
 colega este errar

O colega aqui está errado ou O colega errou

(Albuquerque, 2011, p. 139)

Em relação à marcação de posse, esta pode figurar antes (ver (11)) ou depois do nome (ver (12)) e, em geral, é marcada por meio do enclítico **nia/nian**:

- (11) ema sunu amu=**nia** uma
 pessoa queimar padre=POS casa

- (12) ema sunu amu uma **nian**
 pessoa queimar padre casa POS

Alguém queimou a casa do padre.

(Albuquerque, 2011, p. 153)

Importante observar, conforme dados consultados, que **nia** também veicula terceira pessoa do singular quando ocorre sozinho, como é possível observar em (13), em que ocorre tanto como pronome pessoal quanto marcador de posse, posposto ao nome *nain* (senhor):

- (13) **nia** hanorin daudak buat nec bainhira nain=**nia** anzu
 3sg pensar PROG coisa este quando senhor=POS anju
 mosu ba **nia** iha mehi
 aparecer para 3sg LOC sonho

Ele estava pensando nisso, quando um anjo do Senhor apareceu para ele em seu sonho

(Albuquerque, 2013, p. 117)

Sobre a negação, Alburquerque (2011) observa que, em tetun prasa, a marcação se dá em posição anterior SN. A marcação de elementos nominais é feita pela partícula ‘laos’, conforme dado em (14) a seguir:

Sobre a negação, Albuquerque (2011) observa que, em tetun prasa, a marcação se dá em posição anterior SN. A marcação de elementos nominais é feita pela partícula ‘laos’, conforme dado em (14) a seguir:

- (14) hau hakarak ai-fuan nee **laos** nebaa
1sg querer frita este NEG aquele

Eu quero estas frutas não aquelas

(Albuquerque, 2011, p. 154)

Em sua apresentação da estrutura do SN em tetun prasa, Albuquerque (2011) insere os advérbios como figurando dentro do sintagma nominal. O autor analisa os advérbios como modificadores de uma série de elementos sintáticos, incluindo o SN. Contudo, o autor admite que há alguns aspectos da classe dos advérbios que permanecem problemáticos e aponta para a necessidade de um estudo mais aprofundado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou uma breve descrição do sintagma nominal da língua tetun prasa, falada no Timor-Leste. Abordamos brevemente neste trabalho a história de formação do país, bem como a situação sociolinguística, apontando para o cenário de multilinguismos existente, no qual convive em torno de 16 línguas, entre elas a língua portuguesa, oficial e de ensino e a língua tetun prasa, falada por mais de 80% da população.

Chamamos a atenção para as políticas linguísticas implementadas tanto na época de dominação portuguesa quanto na de dominação indonésia com a imposição das respectivas línguas como oficiais, a saber, a língua portuguesa e a bahasa indonésia e as consequências dessas políticas ainda hoje em Timor-Leste, refletidas no ensino, por exemplo, no qual a língua portuguesa figura como a única.

Embora a língua tetun prasa seja a língua oficial do país, ao lado da língua portuguesa, aquela encontra-se fora dos meios formais de educação, o

que aponta para uma necessidade de políticas linguísticas que levem em conta a realidade multilíngue do Timor-Leste. Alguns autores (Lucca, 2021; Neves, 2011) falam da necessidade de timorizar o ensino e os professores no sentido de não apenas substituir os elementos europeus pelos timorenses, de mudar ou trocar os métodos de ensino, mas sim de mudar o comportamento e se desprender da cultura portuguesa colonial.

Em relação ao sintagma nominal, apresentamos as características dos elementos que o compõem tanto a sua posição em relação ao núcleo nominal quanto a sua interação com os demais elementos dentro do sintagma.

A partir de dados coletados nos trabalhos de Albuquerque (2010a, 2010b, 2011, 2013), pudemos observar que uma série de elementos ocorrem em posição posterior ao núcleo como, por exemplo, os possessivos, determinantes e adjetivos e poucos são os elementos que ocorrem em posição anterior ao núcleo do SN, como os elementos de negação e possessivos, que podem ocorrer tanto antes quanto depois do núcleo. Este, por sua vez, pode ser assumido tanto pela classe dos substantivos quanto dos pronomes pessoais e demonstrativos.

Em tetun prasa, quando da ausência de qualquer elemento no nome, este possui o traço semântico [+definido] e singular. Sobre a marcação de número em tetun prasa, vimos que ela pode ocorrer por meio da reduplicação do nome a ser pluralizado ou ainda com a presença do pronome de terceira pessoa do plural sira e de -s posposto ao nome. Ao que parece, pelos dados observados, apenas a marcação de número plural no nome seria suficiente para que a interpretação de toda a sentença seja interpretada no plural.

Além dos elementos apontados anteriormente, apresentamos as características dos elementos que modificam os substantivos na língua, dos demonstrativos, dos modificadores, dos quantificadores, dos adjetivos e dos advérbios, classes que figuram no sintagma nominal da língua tetun prasa.

Apresentamos ainda a marcação de posse dos nomes marcada por meio do enclítico nia/nian que pode ocorrer tanto antes quanto depois do nome. Importante observar que, ao que parece, por meio dos dados consultados, nia também pode veicular a terceira pessoa do plural quando ocorre sozinho. Vimos que a marcação de negação se dá por meio da partícula laos, um dos poucos elementos que ocorrem em posição anterior ao nome.

Nas análises de Albuquerque (2011) o autor aponta os advérbios como figurando dentro do sintagma nominal, analisando-os como modificadores de uma série de elementos sintáticos, contudo, reconhece a necessidade de um estudo mais aprofundado.

No presente trabalho, de caráter preliminar, realizamos uma descrição dos elementos que compõem o sintagma nominal da língua tetun prasa e apontamos para um aprofundamento das análises desses elementos em estudos futuros. Contudo, é importante ressaltar a importância de descrições como esta, uma vez que, conforme apontamos em nosso estudos, ainda são poucos os trabalhos em linguística sobre a língua tetun prasa, especialmente em semântica.

REFERÊNCIAS

Albuquerque, D. B. (2010a). Elementos para o estudo da ecolinguística de Timor-Leste. In: Domínios de Lingu@gem: *Revista Eletrônica de Linguística* (ano 4, n. 1, 1 semestre), pp. 21-36.

Albuquerque, D. B. (2010b). Peculiaridades prosódicas do português falado em Timor- Leste. *Revel* v. 8, n. 15, pp. 270-285.

Albuquerque, D. B. (2011). *Esboço gramatical do Tetun Prasa: Língua oficial de Timor-Leste* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB), Brasília- DF.

Albuquerque, D. B. (2012). *Bilinguismo e Multilinguismo em Timor-Leste: Aquisição, Interação e Estudo de Caso*. Repositório Institucional da Universidade de Brasília (UnB), Brasília- DF.

Albuquerque, D. B. (2013). Influências das L1 nativas no português de Timor-Leste: um estudo dos marcadores verbais. In: *Signótica Especial*, jan/jul., pp. 111-121. <https://doi.org/10.5216/sig.v26iesp..31407>

Couto, H. H. (2013). O que vem a ser a Ecolinguística, afinal? In: *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 14 (1), pp. 275-313 <https://doi.org/10.26512/les.v14i1.22250>

De Lucca, D. (2021). *A timorização do passado: nação, imaginação e produção da história em Timor-Leste*. Salvador: EDUFBA.

Gomes, A. Q., & Sanchez-Mendes, L. (2018). Sintagma nominal. In: A. P. Gomes, & L. Sanchez-Mendes. *Para conhecer: semântica*. São Paulo: Contexto, pp. 57-99.

Marques, M. H. D. (2011). *Iniciação à Semântica* (7. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Miranda, W. (2013). *O Sintagma Nominal do Caboverdiano: Uma Investigação Semântica* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Linguística da Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo - SP.

Müller, A. L. (2003). A Semântica do sintagma nominal. In: Müller, A. L., Negrão, E. V., Foltran, M. J. (Org.). *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, pp. 61- 73.

Müller, A. L., & Viotti, E. (2005). Semântica Formal. In: J. L. Fiorin (Org.). *Introdução à Linguística: princípio de análise*. São Paulo: Contexto, pp. 137-159.

Neves, E. de J. (2011). Instâncias de poder e mudança linguística: Um estudo a partir de análise de empréstimos em jornais Timorenses (*Dissertação de Mestrado*). Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

Oliveira, M. S. D. (2010). *Análise sintática do português falado no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco.

Schulz, L. O., Custodio, M. M. C., & Viapina, S. (2012). Concepções de língua, linguagem, ensino e aprendizagem e suas repercussões na sala de aula de língua estrangeira. *Pensar Línguas Estrangeiras* (PLE) (ano 1, n. 1) Programa de Línguas Estrangeiras Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul-RS.

Direitos Autorais (c) 2022 Wânia Miranda e Elen Santos



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#) [Textocompletodalicença](#)